



<http://dx.doi.org/10.15448/1980-864X.2025.1.46412>

DOSSIÊ: 150 ANOS DE IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

Balanço e perspectiva historiográfica da presença italiana no sul do Brasil

Review and historiographical perspective of the Italian presence in southern Brazil

Una visión general y una perspectiva historiográfica sobre la presencia italiana en el sur de Brasil

Máira Ines Vendrame¹

orcid.org/0000-0001-5658-076X

vricamaira@yahoo.com.br

Recebido em: 12 jun. 2024.

Aprovado em: 20 maio. 2025.

Publicado em: 09 dez. 2025.

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal apresentar uma síntese da produção historiográfica que trata do tema da imigração italiana e espaços ocupados por imigrantes e descendentes no Rio Grande do Sul. Desde a década de 1970, momento de comemoração dos 100 anos da presença italiana no estado, as pesquisas científicas sobre o tema da imigração e colonização no território sul-rio-grandense começaram a ganhar espaço nas universidades. A utilização de diferentes fontes, como escritos de imigrantes, fotografias e memórias orais, propiciou o surgimento de uma diversidade de estudos. Nas últimas três décadas, uma história social que tratava da presença italiana, especialmente nos espaços urbanos, ganhou destaque, especialmente através da utilização de novas fontes, métodos, abordagens e temas de estudo. Recentemente, a atenção para as trajetórias do(a)s imigrantes, suas estratégias e seus vínculos interpessoais, através de fontes de natureza variada e localizadas em arquivos em ambos os lados do Atlântico, tem propiciado uma renovação nos estudos ligados aos imigrantes, aos contextos migratórios e à imigração italiana para o Brasil meridional.

Palavras-chave: imigração italiana; Rio Grande do Sul; micro-história; trajetórias; historiografia.

Abstract: The main objective of this article is to present a synthesis of the historiographical production that addresses the topic of Italian immigration and the spaces occupied by immigrants and their descendants in Rio Grande do Sul. Since the 1970s, a period marking the centenary of Italian presence in the state, scientific research on immigration and colonization in Rio Grande do Sul has started to gain traction in universities. The use of different sources, such as immigrant writings, photographs, and oral memories, has led to the emergence of a variety of studies. Over the past three decades, social history focusing on Italian presence, especially in urban areas, has gained prominence, particularly through the use of new sources, methods, approaches, and study themes. Recently, attention to the trajectories of immigrants, their strategies, and interpersonal connections, through various sources located in archives on both sides of the Atlantic, has brought a renewal in studies related to immigrants, migratory contexts, and Italian immigration to southern Brazil.

Keywords: Italian immigration; Rio Grande do Sul; microhistory; trajectories; historiography.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo principal presentar una síntesis de la producción historiográfica que aborda el tema de la inmigración italiana y los espacios ocupados por inmigrantes y descendientes en Rio Grande do Sul. Desde la década de 1970, momento de la conmemoración de los cien años de la presencia italiana en el Estado, las investigaciones científicas sobre el tema de la inmigración y colonización en el territorio riograndense comenzaron a ganar espacio en las universidades. El uso de diferentes fuentes, como escritos



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

de inmigrantes, fotografías y memorias orales, propició el surgimiento de una diversidad de estudios. En las últimas tres décadas, una historia social que trataba de la presencia italiana, especialmente en los espacios urbanos, cobró relevancia, particularmente a través de la utilización de nuevas fuentes, métodos, enfoques y temas de estudio. Recientemente, la atención a las trayectorias de los/las inmigrantes, a las estrategias y vínculos interpersonales, mediante fuentes de naturaleza variada y localizadas en archivos a ambos lados del Atlántico, ha propiciado una renovación en los estudios relacionados con los inmigrantes, los contextos migratorios y la inmigración italiana hacia el sur de Brasil.

Palabras clave: inmigración italiana; Rio Grande do Sul; microhistoria; trayectorias; historiografía.

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, a partir de 1975, propiciaram a publicação de numerosas pesquisas sobre a presença dos italianos no sul do Brasil. Festas, desfiles, jantares e eventos diversos marcaram a data, além da realização de encontros, debates e divulgação de estudos sobre a contribuição dos italianos para o progresso econômico e cultural da sociedade gaúcha. Também foi o momento em que surgiram pesquisas acadêmicas que utilizavam fontes primárias variadas, como documentos oficiais ligados à colonização no Estado, além de cartas, memórias, diários, fotografias e narrativas orais de imigrantes italianos e descendentes. Foi, portanto, um período marcado pela divulgação de registros documentais que expunham as impressões subjetivas daqueles que haviam feito a travessia transatlântica e vivido nos primeiros tempos nas regiões coloniais do sul do Brasil.

Um exemplo da importância da divulgação dos escritos dos imigrantes pode ser percebido nas publicações de *Memórias de um imigrante italiano*, de Júlio Lorenzoni (1975), e de *La Mérica*, organizada por Luis De Boni (1977). O primeiro livro trata de uma narrativa que apresenta a maneira como família Lorenzoni havia se organizado para emigrar da Itália, a preparação da viagem de transferência e os primeiros tempos na região colonial. Já *La Mérica* apresenta uma seleção de dezessete cartas escritas pelo imigrante Paulo

Rossato aos familiares que se encontravam na Itália. Se a primeira obra foi utilizada amplamente pelos pesquisadores que se dedicaram a estudar a imigração italiana para o Rio Grande do Sul, a segunda apenas recentemente passou a ganhar mais atenção, momento em que cartas passaram a ser utilizadas como documentos que possibilitavam analisar diversos temas ligados ao cotidiano vivido pelos imigrantes. Dentre os assuntos, destacam-se as expectativas dos imigrantes que já haviam realizado a travessia transatlântica, revelando as dinâmicas migratórias e a organização de novos deslocamentos através dos convites realizados por quem tinha partido. Para além do conteúdo que informam, as cartas também possibilitam refletir sobre a constituição de pontes de contato, conexões entre pessoas e lugares, que orientavam a circulação de pessoas, objetos e informações variadas.

A década de 1970 é marcada pela presença de pesquisas que se tornaram referências sobre o tema da presença italiana no Rio Grande do Sul. Os assuntos abordados vão desde os mais gerais, ligados às questões políticas e econômicas que marcaram a constituição de núcleos coloniais, até os mais específicos, como organização das novas comunidades, constituição dos espaços de sociabilidade, devoção e reforço dos laços de afinidades. Dentre os autores, destacam-se alguns como: Carlos Albino Zagonel (1975), Olívio Manfroi (1975), Rovilio Costa (1974), Thales de Azevedo (1975).

Tratando da imigração italiana e das comunidades fundadas pelos imigrantes nas regiões de colonização do território sul-rio-grandense, Manfroi, Costa e Azevedo tiveram suas obras premiadas e publicadas no contexto dos festejos do Biênio da Colonização e Imigração promovido pelo governo do estado. Através do Decreto estadual número 22.410, era prevista a realização de comemorações públicas entre os anos de 1974 e 1975, abrangendo as diversas etnias que haviam contribuído para o desenvolvimento econômico, cultural e político do Rio Grande do Sul. Além dos imigrantes europeus – alemães, italianos, açorianos, poloneses –, outros grupos étnicos,

como indígenas e negros, deveriam ganhar espaço nos festejos oficiais do biênio.

A pesquisa intitulada *A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais* (1975), de Olivio Manfroi, venceu o concurso de monografias promovido pelo biênio. Foram também premiados Rovilio Costa, com a obra *Imigração Italiana: vida, costumes e tradições* (1974), que conferiu destaque à forte religiosidade dos imigrantes italianos, e Thales de Azevedo, com o trabalho *Italianos e Gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana do Rio Grande do Sul* (1975), vencedor do Concurso de Monografias sobre Imigração Italiana no Certame de Letras do Biênio 1974-1975, instituído pelo governo do estado. Além da formação diferente dos autores, as obras, apesar de algumas semelhanças ligadas mais aos temas tratados, caracterizam-se por abordagens diversas. Elas se tornaram as principais referências das últimas décadas do século XX sobre o tema da imigração italiana no Rio Grande do Sul, sendo até o momento muito citadas.

Na respectiva obra mencionada, o sociólogo Manfroi apresenta uma das primeiras sínteses ao tratar do impacto econômico, político e cultural da imigração regionalmente, sem deixar de relacioná-lo com a política de colonização do Império Brasileiro do Oitocentos. É destacada a importância da imigração e colonização italiana para o processo de desenvolvimento do Rio Grande do Sul, pois os pioneiros imigrantes "derrubaram florestas, fundaram vilas e cidades, cobriram os montes e vales da Serra Geral de trigais e parreirais, implantaram indústrias e um comércio vigoroso" (Manfroi, 2001, p. 156). Além da importância para o crescimento e a modernização do estado, o referido autor deu ênfase ao papel da religião católica – a fé, os ritos e encontros

religiosos – como primordial na integração dos imigrantes italianos. A catolicidade é entendida como um fator de "identificação cultural" entre a população nas regiões coloniais, sendo a principal base de apoio para que conseguissem superar as dificuldades dos primeiros tempos (Manfroi, 2001, p. 153, 156). O entendimento da religião como elemento que propiciou a integração social e cultural entre as famílias italianas, em vez do sentimento de italianidade, também é defendido pelo frei Carlos Albino Zagonel, na obra *Igreja e imigração italiana* (1975). Essa também foi publicada no contexto de comemorações de Centenário da Imigração no Rio Grande do Sul a partir de 1975.

No livro premiado *Imigração Italiana: vida, costumes e tradições* (1974), o referido frei Rovilio Costa conferiu destaque à forte religiosidade dos imigrantes italianos. O autor, frade capuchinho, jornalista, professor e pesquisador, tornou-se uma das principais referências quando o assunto é a cultura e os modos de vida nos espaços coloniais do território sul-rio-grandense. Além da religiosidade dos imigrantes, destacou atributos como coragem, força e dedicação ao trabalho, aspectos indispensáveis para que as famílias italianas pudessem ter superado "o abandono" sofrido nos primeiros tempos por parte do Governo Provincial. O caráter etnográfico é uma marca não apenas da mencionada obra, mas também de outras organizadas por frei Rovilio. A preocupação em fazer um levantamento documental, registrar e divulgar dados que possibilitassem compreender como era a vida dos imigrantes italianos nas regiões coloniais é algo que se destaca nas pesquisas realizadas pelo referido autor². Ele possui, sem dúvida, a produção historiográfica mais extensa quando o assunto são pesquisas que tratam do tema dos costumes, hábitos e práticas religiosas

² Rovilio Costa recolheu registros fotográficos e narrativas orais entre os descendentes de imigrantes italianos nas regiões de colonização do Rio Grande do Sul. Essas se caracterizam por apresentar relatos que apontam aos costumes e às tradições vividas nas comunidades rurais italianas. Ver Costa (1976), Battistel e Costa (1982).

nos lugares marcados pela imigração italiana no Rio Grande do Sul³.

Adotando uma perspectiva antropológica e etnográfica, Thales de Azevedo, na obra *Italianos e Gaúchos* (1982), que em 1975 também foi premiada, analisa os significados sociais, políticos e econômicos da ocupação do espaço, conferindo atenção para o processo de "aculturação", "assimilação" e dificuldades enfrentadas pelos italianos nas novas terras. Através de uma leitura atenta das cartas escritas por imigrantes, busca compreender as situações vividas pelas famílias camponesas antes de emigrarem da Itália. Uma cultura marcada por localismos é apontada como um dos principais dilemas no que se refere à adaptação e à integração do(a)s estrangeiro(a)s ao novo ambiente no sul do Brasil.

Natural da Bahia, Thales de Azevedo apresenta uma obra que foi subvalorizada entre os pesquisadores que se dedicaram a estudar a presença italiana no Rio Grande do Sul nas décadas que se seguiu à sua publicação, especialmente no que se refere ao tema da acomodação e integração dos imigrantes através da organização de esferas agregativas sociorreligiosas. Destaca-se o fato de o livro *Italianos e Gaúchos* (Azevedo, 1982, p. 193) ter conferido atenção para as formas de organização, os modos de viver, de se relacionar, as regras morais e religiosas para entender como foi se dando a constituição da sociedade de capela; esta é entendida como espaço de agregação, "órgão dominador dos instrumentos de controle social, da moralidade, da cooperação e da atribuição de status". Nos núcleos coloniais, foi-se constituindo uma vizinhança através de vínculos variados e afinidades com o território. A construção da capela surge como uma iniciativa de territorialização, algo que era reforçado através da realização de uma série de práticas

sociorreligiosas⁴. É no espaço local, através da formação da comunidade, que ocorrem a identificação, a agregação e o estabelecimento de estrutura de poder com fortes bases territoriais. Por tudo o que foi mencionado até aqui, considera-se a premiada pesquisa de Thales de Azevedo uma das obras mais importantes sobre a história social da imigração e dos imigrantes no sul do Brasil surgidas na década de 1970, apesar de sua subvalorização posterior. Posteriormente, a partir da década de 1990, surgiram diversas pesquisas em que as experiências concretas dos italianos no meio urbano e rural, e em diversos âmbitos da vida social, ganharam atenção.

As comemorações do Centenário da Imigração Italiana e do Biênio no Estado do Rio Grande do Sul, na década de 1970, além da publicação de livros, propiciou a construção de monumentos e a realização de festividades que se prolongaram durante as décadas 70 e 80 do século XX. Fora do âmbito acadêmico, a construção de monumentos e espaços de memórias foi se constituindo uma história pública da presença italiana nas regiões de colonização. Lideranças locais, como sacerdotes, assumiram um papel de destaque na constituição de espaços de identificação e na elaboração de narrativas que criavam uma ponte entre o presente e o passado através de exaltação de características das famílias "pioneiras" imigrantes.

A elaboração de visões idealizadas sobre as regiões de colonização e o comportamento dos imigrantes é algo que se sobressai nos escritos e discursos de sacerdotes/pesquisadores que atuaram em lugares marcados pela imigração italiana. Esse é o caso, por exemplo, dos padres Luiz Sponchiado e Clementino Marcuzzo, ambos descendentes de imigrantes italianos, como a

³ Destacam-se algumas das obras que organizou com apoio de outros pesquisadores, como *Antropologia Visual da Imigração Italiana* (1976) e *Os italianos no Rio Grande do Sul* (1982). Na primeira, Rovilio Costa reúne uma grande quantidade de registros fotográficos que permitem contar como eram a vida, os costumes e as tradições dos imigrantes italianos nas regiões nordeste e central do Rio Grande do Sul. Apresenta, assim, uma etnografia dos últimos cem anos de vida dos antigos núcleos de colonização, que contou com textos de pesquisadores/professores com formação variada, vinculados a diversas universidades gaúchas. Na segunda obra, que divide a organização com Luís A. de Boni, os autores apresentam uma síntese sobre as condições vividas na Itália pelas famílias camponesas antes da partida, como aspectos sociorreligiosos, culturais e econômicos, atentado para o papel da religião como fator de integração cultural entre os imigrantes e descendentes nas novas terras.

⁴ Sobre as iniciativas e práticas sociais que garantiram a produção do território imigrante, ou seja, a territorialização de um espaço por parte das famílias nas regiões de colonização, ver Vendrame (2023c).

maior parte dos sujeitos que escreveram sobre os diferentes aspectos das comunidades coloniais e sua população. Nas décadas de 1970 e 1980, os referidos sacerdotes participaram ativamente das atividades comemorativas do Centenário da Imigração no Estado na região central do estado gaúcho, atuando de diferentes maneiras na construção de uma história pública da imigração. Essa se assentava em narrativas idealizadas sobre as regiões de colonização e o comportamento dos imigrantes (Vendrame, 2023c).

Designado pela autoridade diocesana, o padre Luiz Sponchiado esteve à frente da comissão do Centenário da Imigração Italiana, fundada em 1975, para organizar as atividades comemorativas junto às comunidades que compunham a Quarta Colônia⁵. Além disso, ele passou a escrever as Crônicas da Colonização, que tratavam da chegada dos imigrantes, das dificuldades enfrentadas nos primeiros tempos pelas famílias que se estabeleceram na referida região colonial, da dedicação ao trabalho, da construção dos templos, da coragem e da força dos italianos. Esses eventos, que marcavam a memória da população descendente, foram narrados por Sponchiado, que fazia um trabalho de pesquisa de campo, ouvindo relatos e pesquisando em documentos primários, para elaborar os textos que seriam publicados nas páginas dos jornais em forma de crônicas⁶.

A constituição de espaços de memória⁷ e a produção de uma história pública da imigração na região colonial são algumas das atividades realizadas pelos sacerdotes mencionados. Como eles, tanto outros passaram a pesquisar e a escrever sobre a vida dos imigrantes nos espaços coloniais. Surgiram, assim, muitos livros dedicados a narrar a epopeia vivida pelas famílias italianas nos núcleos de colonização. Apesar da utilização de material documental e relatos orais, não existia por parte desses pesquisadores, fossem eles

padres ou não, uma preocupação em relação à crítica dos documentos. Isso fez com que os espaços coloniais fossem apresentados como lugares harmônicos e isolados, e os imigrantes, como um grupo homogêneo, muito trabalhador, pacífico e religioso.

Quando dos *Cinquenta* (Cinquentenario [...], 1925) e dos *Setenta e Cinco* anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (Álbum [...], 1950), na década de 1970, não poderia ter sido diferente. Os *Cem* anos foram marcados pela publicação de um livro comemorativo que apresenta vários ensaios sobre o tema da colonização e os imigrantes elaborados por diversos pesquisadores e pesquisadoras. Nele, foi apresentada a história de diversos municípios do estado que tiveram na sua formação a presença de famílias italianas (Centenário [...], 1975). Atenção foi dada aos imigrantes italianos que ajudaram no progresso e desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul.

Além dos livros já mencionados, é preciso destacar a dissertação de mestrado de Vânia Merlotti Herédia, defendida no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS, que se transformou no livro *Mito do padre entre os descendentes italianos* (1979). No livro, a autora analisa os aspectos sagrados que envolviam a figura do sacerdote em uma comunidade colonial na parte nordeste do Rio Grande do Sul. A maneira como a população via os padres, o temor que possuíam e os poderes que lhes atribuíam estavam ligados à percepção de que eram seres que tinham contato com o sobrenatural. Foi através de uma grande quantidade de entrevistas com famílias de descendentes de imigrantes, pesquisa em livros tombo e outros escritos de religiosos que o trabalho de Herédia se tornou pioneiro, por centrar a análise num local específico de imigração, com uma abordagem preocupada em trazer as percepções dos descendentes de italianos em relação à figura do padre, bem como as práticas

⁵ Quarta Colônia é uma designação conferida ao quarto núcleo de colonização italiana no Estado do Rio Grande do Sul. Os três primeiros núcleos coloniais foram fundados na região da Serra Gaúcha.

⁶ Para saber mais sobre atuação do padre Luiz Sponchiado e os eventos que marcaram as comemorações dos Cem Anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, ver Manfio (2019), Manfio e Vendrame (2024).

⁷ O padre Luiz Sponchiado foi o responsável por construir o Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma, lugar onde foi pároco até os últimos dias da sua vida, através do trabalho de reconhecimento de documentos e informações que tratavam da história das famílias de imigrantes italianos e descendentes que haviam se fixado na região da Quarta Colônia.

realizadas no cotidiano.

Anos 90: novas fontes, temas e perspectivas

Especialmente na década de 1990, identifica-se uma maior presença de historiadores e historiadoras acadêmicos que passaram a desenvolver pesquisas sobre temas ligados à imigração e colonização italiana no Rio Grande do Sul. Isso se liga à expansão dos Programas de Pós-Graduação em História no país, em especial no sul do Brasil, que permitiram o surgimento de uma variedade de pesquisas utilizando variadas perspectivas, que adotaram um determinado rigor teórico-conceitual. A utilização de novas fontes e uma diversidade de temas e abordagens, através de perspectivas especializadas, ganharam espaço⁸. Foi ampliado o diálogo entre os campos da história social e política nos estudos ligados à questão das migrações.

Dentre as pesquisas, destaca-se a obra *Sombras do Littorio*, que resulta de uma tese de doutorado defendida na PUCSP, em 1989, por Loraine Giron (1994). Inserido no campo da história política, o trabalho teve como ideia geral analisar a maneira como o fascismo vivido na península itálica irá repercutir em Caxias do Sul, uma das primeiras colônias italianas fundadas no território sul-rio-grandense. A organização de um movimento fascista no espaço colonial, as reações, as articulações entre Brasil e Itália na década de 1930 – tudo feito por meio de uma pesquisa de folego em fontes primárias – fez com que a autora questionasse algumas ideias como a da homogeneidade das populações em espaços de colonização europeia, dando atenção às ideologias políticas no meio urbano do período.

Em relação à presença dos italianos no contexto urbano do Rio Grande do Sul, tem-se o livro de Núncia Santoro de Constantino (1991), intitulado *O italiano da esquina*. O estudo centra em analisar especialmente os imigrantes provenientes do sul da Itália na cidade Porto Alegre, atentando para o processo de integração deles

no meio urbano, a formação de uma pequena elite de estrangeiros, composta por artesões e comerciantes. A autora destaca que a conexão da Província de São Pedro com a Argentina e o Uruguai, devido à proximidade fronteiriça, fez com que muitos estrangeiros originários da península itálica fossem adentrando o território gaúcho. Utilizando uma documentação de origem variada, encontrada em arquivos existentes no Brasil e na Península Itálica, centrou também em analisar a ligação entre locais específicos da Província de Cosenza, na Calábria, para a cidade de Porto Alegre.

Em *O italiano da esquina*, Constantino (1991) analisou o contexto de origem dos imigrantes moraneses, identificando a existência de redes de contato entre famílias emigradas e as que haviam ficado na terra de origem. Apesar de fazer uso metafórico das redes, foi uma pesquisa que reforçou a necessidade de estudo das características dos locais particulares de origem dos italianos, especialmente a conexão entre os dois lados do Atlântico. Levantou dados que possibilitaram uma análise quantitativa, bem como qualitativa, da presença e das atividades realizadas pelos imigrantes meridionais na capital do Rio Grande do Sul. Ao pesquisar os registros da Santa Casa de Misericórdia, chamou a atenção à presença de estrangeiro(a)s doentes mentais, alcoólatras, que cometeram algum crime e que compunham as camadas populares, não fazendo, portanto, parte do grupo daqueles "bem-sucedidos", que conseguiram prosperar economicamente no território brasileiro. Por conta disso, o mencionado livro sugere pensar naqueles italianos que fracassaram nas suas escolhas, enfrentaram desilusões e frustrações nos locais de destino, não obtendo o êxito econômico e a posição social almejada.

Independentemente do local em que se estabeleceram, compreender os imigrantes como um grupo heterogêneo, marcado por ideologias diferentes, projetos e estratégias diversas, histórias de sucesso, fracassos e dificuldades de inserção social, apesar de todos terem partido de uma

⁸ Destacam-se alguns autores como: Loraine Giron (1994), Luis De Boni (1987, 1990 e 1996), Núncia Santoro Constantino (1991), Vânia Merlotti Herédia (1979, 1997).

mesma província com condições econômicas semelhantes, faz-se necessário nas pesquisas que abordam o tema das migrações europeias dos séculos XIX e XX. Ao fazer isso, evita-se o risco de narrar uma história única sobre os percursos migratórios individuais e familiares.

É importante mencionar que o livro *O italiano da esquina* abriu novas possibilidades em relação à presença imigrante nos espaços urbanos, marcando o surgimento de uma série de trabalhos atentos à produção de uma história social da imigração italiana para o Brasil Meridional. Também aparece como uma pesquisa que confere importância à necessidade de um diálogo com a historiografia produzida na Itália sobre os movimentos migratórios transoceânicos, a que tratava dos lugares específicos de emigração, que atualmente é considerado imprescindível nos trabalhos sobre os diferentes contextos brasileiros ocupados por imigrantes italianos. Nesse sentido, a referida obra é uma das primeiras a chamar atenção para a necessidade de elaboração de uma história conectada, que acompanha o deslocamento de grupos específicos e não ignora a agência daqueles que optaram pelo caminho da emigração. Além disso, defende um diálogo aberto com outras disciplinas no que tange ao tema da imigração italiana, chamando a atenção para a necessidade de buscar novas metodologias que ajudem a captar e compreender os diferentes elementos da estrutura social, das dinâmicas e estratégias da vida coletiva.

Na década seguinte à publicação da obra de Constantino, outros estudos irão tomar as sugestões propostas pela autora, especialmente através de uma interlocução com antropólogos, sociólogos e perspectivas metodológicas que colocavam os percursos de homens e mulheres imigrantes, suas escolhas e visões no centro da análise, caso, por exemplo, do livro *O poder na Aldeia* (Vendrame, 2016), conforme será mencionado posteriormente.

Investigar a constituição das esferas de agregação social, do reforço dos vínculos e de uma

identidade étnica, através de um diálogo com outras disciplinas, como a antropologia e teorias sociais, aproxima os trabalhos mencionados do livro *Italianos e Gaúchos*, de Thales de Azevedo, originalmente publicado em 1975. Esse estudo trouxe para o debate a existência de uma multiplicidade de fatores e condições que faziam com que a população do campo acolhesse a ideia da emigração transatlântica. Mesmo que essa perspectiva não tenha sido aprofundada por Azevedo, ela permite refletir sobre o contexto de origem das famílias camponesas e as condições em que viviam. O autor também confere atenção para as insatisfações dos camponeses nos campos italianos, o papel desempenhado por agentes e subagentes da emigração, que faziam propaganda das vantagens que seriam encontradas no além-mar e provocavam o chamado "delírio migratório" para o Brasil (Azevedo, 1982, p. 80-81)⁹. Além disso, indica para a importância do envio de informações por parte dos imigrantes recém-chegados ao Rio Grande do Sul aos familiares que haviam ficado nos locais de origem, através de cartas. É o primeiro pesquisador a mostrar o quanto o uso das correspondências se apresentava como uma escolha que poderia complexificar mais as análises sobre as condições enfrentadas pelos imigrantes nos primeiros tempos. Questiona também a explicação do isolamento vivido pela população colonial e a ideia do abandono total no meio da floresta, sem auxílio público. A utilização das cartas para pensar o papel das redes migratórias no deslocamento das famílias camponesas para o Brasil meridional somente ganhará mais espaço nas pesquisas a partir dos anos 2000 (Vendrame, 2007, 2015, 2016, 2017b, 2018). Era hora de mostrar a agência de homens e mulheres no processo de transferência transoceânico e acomodação nos lugares de chegada, somado a uma série de outros temas ligados a questões afetivas, adaptação, estratégias de reunificação familiar, circulação de auxílios variados, objetos e pessoas.

Em relação à renovação nos estudos ligados à

⁹ Aspectos ligados à atuação dos agentes e subagentes da emigração e canais de circulação de informação são analisados com profundidade no livro *O Poder na Aldeia* (VENDRAME, 2016).

imigração italiana na década de 1990, é necessário mencionar a publicação da coletânea intitulada *A presença italiana no Brasil, sob organização de Luís A. De Boni*. A obra resulta de simpósios sobre o tema da presença de imigrantes italiano(a)s no Rio Grande do Sul e Brasil. Uma diversidade de temáticas e novas problematizações é apresentada nos três volumes da obra, que são publicados em momentos diferentes. Fica evidente a preocupação dos autores em produzir uma história social dos espaços rurais e urbanos marcados pela imigração italiana, apontando para questões ligadas ao cotidiano, à sociabilidade, a relações interétnicas, ideologias e costumes. Os volumes também se destacam pela variedade de temas estudados, bem como pela diversidade de fontes documentais, muitas delas até então não utilizadas para avaliar a presença italiana em contextos rurais e urbanos. Esse é o caso dos registros criminais, policiais e médicos, que estão permitindo analisar os imigrantes criminalizados, desordeiros e aqueles que acabavam sendo internados em instituições de assistência, como o Hospício São Pedro de Porto Alegre.

O segundo volume de *A presença italiana no Brasil* (De Boni, 1990), dentre os artigos, apresenta o intitulado "Alemães e italianos no Rio Grande do Sul: fricções interétnicas e ideológicas". Escrito pela historiadora Helga Iracema L. Piccolo (1990), é o único texto a tratar das tensões e disputas ideológicas entre grupos de imigrantes europeus na referida coletânea. Apesar de os volumes 2 e 3 conferirem atenção para a dimensão social e cultural da vida dos imigrantes nos espaços urbanos e rurais de diferentes estados do Brasil, a utilização das fontes criminais para pensar os aspectos que marcavam o cotidiano em contextos migratórios não ganha destaque. Somente o capítulo de Piccolo trata dos conflitos na região colonial, entre imigrantes e autoridades públicas e os próprios estrangeiros por conta de visões diferentes acerca da catolicidade e da italianidade. Os padres (de origem italiana ou alemã) também aparecem envolvidos em atritos

nas comunidades coloniais ligadas a oposições acerca de orientações diferentes em relação à questão nacional no país de origem, como a constituição do Estado Italiano e a oposição da Igreja Católica. As divergências ideológicas se somavam às diferenças étnicas, indicando a heterogeneidade do grupo imigrante.¹⁰ Porém, apesar de apontar para as divisões e tensões que marcavam os espaços coloniais, as fontes criminais não foram usadas para analisar as circunstâncias diversas dos conflitos, as diferentes motivações das disputas e as racionalidades que orientavam os comportamentos violentos. São apenas indicados como registros que possibilitam incluir nas análises os imigrantes criminosos, transgressores e desordeiros.

O terceiro volume da coleção *A presença italiana no Brasil* (1996) confere atenção para temas marginalizados ou não abordados nos estudos que tratavam dos contextos marcados pela presença de imigrantes, que são família, mulher, saúde e criminalidade. Invisibilizado nas pesquisas até então, o tema das mulheres proprietárias e chefes de famílias na região colonial é analisado por Loraine Giron (1996), através dos registros de cobrança de impostos do município de Caxias do Sul. Novas fontes e metodologias são apresentadas nos diversos capítulos que compõem a obra: relatórios do Chefe de Polícia do Estado do Rio Grande do Sul e do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, processos-crimes, estatísticas do Hospício São Pedro e registros referentes à expulsão de estrangeiros serviram de base para a realização de pesquisas que apontam aos percursos que se afastam do imigrante ideal e desejado (Borges; Costa, 1996; Menezes, 1996). Tais documentos permitem analisar os comportamentos criminalizados, os percursos de homens e mulheres que não se adaptaram à nova vida, adoeceram e fracassaram no projeto migratório, tendo por conta disso se distanciado do imigrante idealizado nas narrativas hegemônicas e oficiais dos defensores da colonização. Essas questões foram sugeridas em dois artigos,

¹⁰ Para aprofundamento sobre os conflitos ideológicos entre imigrantes italianos e padres alemães ultramontanos numa região colonial localizada no centro do Estado do Rio Grande do Sul, ver: Vendrame (2007).

porém não ganharam destaque as diversas possibilidades que a utilização das fontes criminais e médicas apontam em termos de temas a serem abordados.

O terceiro volume da obra *A presença italiana no Brasil* se encontra dividido em seis temas: Italianos antes da Grande Imigração, A História da Imigração Italiana, Família e Mulher, Saúde e Criminalidade, Igreja e Religião, Cultura e Identidade. No total, 38 artigos são distribuídos dentro das diferentes temáticas que compõem o livro. Como já mencionado, o material se destaca pela diversidade de fontes utilizadas e temas estudados, muitos deles até então não abordados.

Além das fontes referidas anteriormente, os inventários de indivíduos que se estabeleceram em Caxias do Sul também aparecem como registros que permitem pensar as fortunas construídas e as desigualdades socioeconômicas existentes nas regiões coloniais¹¹. O capítulo intitulado "Fazer a América: o imigrante italiano entre o sonho e a realidade", de Helga I. L. Piccolo (1996), aponta para a riqueza de informações e possibilidades presentes na mencionada tipologia de documentos. Apesar de diversos artigos indicarem para as possibilidades de uso de diferentes fontes no estudo do tema das imigrantes, distribuição dos bens, estratégias familiares de reprodução, bem como questões ligadas à saúde e ao crime, são poucas as pesquisas que, na sequência, buscaram utilizar os inventários *post mortem* e os processos-crime. Carecemos ainda de estudos que analisem a constituição das fortunas na região colonial, as hierarquias sociais, desigualdades, o desempenho das mulheres de diferentes idades, o papel das viúvas e famílias, bem como as estratégias de transferência do patrimônio material.

Em relação ao trabalho industrial em Caxias do Sul, Vânia M. Herédia (1997) analisou o processo de industrialização na Zona Colonial Italiana. Nessa pesquisa, não identificou tensões e a defesa de

ideias políticas entre os operários italianos, sendo esses apresentados como um grupo pacífico e obediente. Ao não localizar nas fontes divergências no universo do trabalho, entre os operários da fábrica e os patrões, o referido estudo acaba por não se opor à ideia dos imigrantes como um grupo avesso a agitações e divergências, algo que se encontrava presente na maior parte dos livros surgidos nas décadas de 1970 e 1980. Entende-se que o objetivo da pesquisa não era o de mostrar as tensões existentes no espaço de trabalho, mas analisar como foi se desenvolvendo a industrialização têxtil numa das primeiras regiões de colonização italiana do Rio Grande do Sul a partir do caso do Lanifício São Pedro, localizado no distrito de Galópolis. Inicialmente, a autora trata da formação da colônia Caxias, os fatores socioeconômicos que propiciaram o desenvolvimento da Zona Colonial Italiana na parte nordeste do estado, passando para a formação da vila operária por parte dos imigrantes, a organização de uma cooperativa e o lanifício. Os documentos utilizados foram variados, dentre eles os presentes nos arquivos do lanifício e as entrevistas com pessoas que desempenharam algum tipo de função na fábrica. Porém, como mencionado anteriormente, o estudo não aborda as tensões existentes no espaço de trabalho, as diversas relações entre as famílias de operários e as dificuldades relacionais entre elas, apesar de se apresentar como um estudo de história social¹².

Mesmo que, na década de 1990, as pesquisas tenham apontado a riqueza de informações presentes em documentos, irá demorar ainda algum tempo para que fontes como os inventários e processos-crime passem a ser utilizados nas pesquisas sobre diferentes temáticas ligadas aos contextos migratórios. Existe ainda uma carência de trabalhos que tomem as fontes judiciais para pensar a relação entre os imigrantes, trabalho e atividades criminalizadas. Além disso, quanto aos

¹¹ A utilização de inventários *post mortem* para analisar o crescimento econômico e a desigualdade social nos primeiros 35 anos da ex-colônia Caxias do Sul foi feita em dissertação de mestrado de Márcia Sanocki Stormowski (2005). Porém, as possibilidades da referida fonte são bastante diversas, tendo sido elas pouco utilizadas até o momento.

¹² No início da década de 1980, através da coletânea *RS: Imigração & Colonização*, foram apresentadas diversas análises sobre o tema da imigração e as questões econômicas, como o desenvolvimento de determinadas atividades industriais no Rio Grande do Sul. É uma das primeiras obras que apresenta discussões de historiador(a)s sobre a relação entre o tema da imigração e colonização, na relação com os aspectos econômicos, políticos e culturais, no estado gaúcho (Lando, 1980).

usos que os estrangeiros faziam do recurso da justiça, às lógicas que regiam os comportamentos e à compreensão que possuem em relação ao sistema punitivo oficial: uma variedade de perguntas pode ser feitas através da documentação criminal, algo que vai além da questão ligada aos conflitos entre os imigrantes. O controle familiar e comunitário, a constituição de estruturas de poder local que eram responsáveis por garantir determinada harmonia, domínio e autonomia nos povoados são assuntos que apenas começaram a ser estudados através do cruzamento de fontes de natureza variada.

As comunidades coloniais eram lugares permeados por tensões entre grupos de imigrantes e interesses conflitantes em que eram acionados mecanismos de controle das divergências por parte dos moradores. Existia uma complexidade que marcava o processo de conformação dos espaços que ainda não havia ganhado importância nas pesquisas sobre as regiões de imigração italiana¹³.

É difícil apresentar aqui todos os trabalhos produzidos nas últimas décadas acerca dos imigrantes e a vida nas regiões coloniais, por isso comentar-se-á sobre os que se considera mais importantes. Os enfoques foram diversos: alguns, marcados por seu carácter mais antropológico; outros, com abordagens político-culturais e socioeconômicas.

Questionando mitos: novas abordagens e temas

A partir dos anos 2000, uma série de estudos irá marcar uma reviravolta nas abordagens sobre o universo colonial, algo que já havia se iniciado na década anterior em relação aos imigrantes em contextos urbanos do Rio Grande do Sul. Um olhar cada vez crítico sobre os diferentes registros documentais oficiais irá trazer novas compreensões. Um exemplo disso são os livros *O Olhar do Poder* (1996) e *Imigração e poder*, de

Luiza Lotti (2010). Em ambos, a autora analisa os discursos oficiais das autoridades brasileiras em relação aos estrangeiros no período que vai de 1875 até 1914. Ao fazer isso, a autora aponta para os antagonismos e as contradições existentes entre os representantes brasileiros a respeito dos estrangeiros.

É um momento também em que as mulheres imigrantes e descendentes começam a ter mais visibilidade nas pesquisas, não aparecendo apenas como coadjuvantes das escolhas dos pais e maridos, apesar das condições de desigualdade que enfrentavam no interior do núcleo familiar. Ao se tornarem objeto de estudos, as experiências e escolhas femininas passam a trazer um maior equilíbrio na historiografia. Pode-se dizer que essa necessidade de construir uma história mais plural, com diferentes narrativas, que incluísse especialmente as mulheres, já iniciado na década de 1900, se intensificou nas últimas duas décadas através de novas pesquisas, conforme o presente artigo está tentando demonstrar¹⁴.

Uma das pesquisas pioneiras que procura conferir visibilidade às mulheres imigrantes nas regiões coloniais é o livro de Loraine Giron (2008), intitulado *Dominação e subordinação: mulher e trabalho na pequena propriedade*. Nele, a autora analisa as mulheres que eram chefes de família, gerenciavam os bens, atuavam no comércio e alcançavam certa autonomia após ficarem viúvas. Trata também dos diferentes trabalhos realizados pelas imigrantes, ligados ao espaço doméstico e às atividades agrícolas, bem como uma variedade de outros serviços que podiam ser especializados. Aponta que, apesar de elas se tornarem proprietárias de terras, agirem como donas de posses em disputas com vizinhas, após se tornarem viúvas, no interior da família, as relações de desigualdade não se alteravam. Dentre as fontes utilizadas, como depoimentos orais, a autora fez um levantamento das mulheres proprietárias de terras a partir do livro de

¹³ Em relação ao tema dos conflitos e ao papel das práticas de justiça nas comunidades ocupadas por imigrantes, consultar Vendrame (2016, 2023).

¹⁴ Destacam-se aqui algumas pesquisas que surgiram mais recentemente tratando das mulheres imigrantes italianas, especialmente das escolhas e agência feminina nos contextos migratórios: Vendrame (2019, 2021b, 2023), Vendrame e Marques (2017), Bortolanza (2023), Charão (2015), Scotti (2013).

cobranças de impostos e requerimentos encaminhados à intendência de Caxias do Sul. Também foram utilizados processos judiciais de partilha, inventários, que indicam as escolhas femininas para garantir direitos, constatando que, apesar dessas escolhas, a condição de desigualdade permanecia, mesmo perante a justiça.

Além de trazer para a discussão os comportamentos das mulheres no interior da família, os diferentes trabalhos por elas realizados, as resistências e decisões que tomavam, o mencionado livro mostra a potencialidade do uso das fontes judiciais para o estudo daquelas pessoas que pouco aparecem nos registros documentais (Giron, 2008). Essa é uma das principais contribuições do trabalho. Indica, principalmente, o quanto o material primário analisado pode trazer contribuições inéditas para estudar a mulher imigrante nas regiões de colonização europeia.

Outras contribuições para a compreensão da vida nos espaços coloniais através de um enfoque centrado nas mulheres é a pesquisa de Yonissa Wadi (2009), intitulada *A história de Pierina*. É um estudo que analisa a trajetória de uma descendente de imigrantes italianos no início do novecentos encaminhada para o Hospício São Pedro, em Porto Alegre, após ter afogado a filha pequena em uma bacia de água. A autora toma o processo criminal no qual a personagem é ré, o prontuário médico e as cartas escritas por Pierina quando se encontrava internada para abordar temas como crime, loucura, subjetividade, universo feminino e o saber médico psiquiátrico no Rio Grande do Sul na primeira década do século XX. O contexto social e cultural vivido nos espaços rurais de colonização europeia, a relação familiar, a autoridade paterna e da vizinhança em relação às mulheres são alguns dos pontos debatidos. Logo, o referido livro é um exemplo das possibilidades de uso das fontes criminais e médicas, especialmente do cruzamento de ambas, através de um estudo que toma uma trajetória específica,

que teve sua vida marcada pela passagem nas instituições de controle e assistência do Estado.

Para se alcançar uma história mais equilibrada, que contemple a atuação das imigrantes, que atente para as estratégias familiares de controle e exclusão daquelas que tinham um comportamento considerado ofensivo à determinada harmonia e moralidade, faz-se necessária a utilização de fontes documentais diversas. As fontes judiciais, policiais e médicas são material privilegiado para apreender os modos de agir, pensar e relacionar das estrangeiras¹⁵. Mais que o aparecimento de estudos que passaram a conferir mais atenção para o tema das mulheres, as escolhas e os percursos femininos, ainda existe uma carência de pesquisas que tratem das imigrantes e descendentes em diferentes contextos e situações.

A partir dos anos 2000, as pesquisas também passaram a questionar fortemente a maneira idealizada como os espaços rurais e os italianos apareciam na historiografia. Críticas foram lançadas sobre as narrativas laudatórias e "miserabilistas"¹⁶ que destacavam apenas aspectos como a força e coragem dos italianos, a miséria e a pobreza que todos conseguiram vencer graças a esforço, solidariedade, dedicação ao trabalho e religiosidade do grupo. Alguns estudos desenvolvidos na Universidade de Passo Fundo (UPF) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) se destacaram nesse sentido, questionando mitos e confrontando a relação entre o sonho e a realidade vivida pelos imigrantes no sul do Brasil. O livro *Ulisses va in América*, de Dilse Corteze (2002), é um dos primeiros a marcar a mudança de perspectiva, tendo a autora discutido as representações historiográficas e narrativas mitológicas sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul. Além desse, em *O sexo, o vinho e o diabo*, Ismael Antônio Vanini (2003) investiga a demografia e a sexualidade, atentando para o impacto da pregação dos padres em relação à natalidade entre imigrantes

¹⁵ Sobre a relação entre gênero e imigração, ver (Vendrame, 2023b).

¹⁶ O termo foi utilizado por Núncia Santoro Constantino ao levantar críticas sobre a produção historiográfica tradicional que tratava da imigração e dos italianos nas regiões de colonização do Rio Grande do Sul. A autora publicou capítulos de livros em que realiza uma análise sobre os estudos que tratam sobre os imigrantes italianos na historiografia regional, indicando para a possibilidade de uso de outras fontes para renovação das pesquisas sobre a presença do grupo no espaço urbano da capital Porto Alegre (Constantino, 2010, 2013).

italianos e descendentes. Fazendo uma crítica de que a identificação dos imigrantes se deu apenas através do catolicismo, Paulo Possamai afirma no livro *Dall'Italia siamo partiti* (2004) que a população colonial também se identificava por um sentimento de italianidade.

O tema da formação e reelaboração da identificação italo-brasileira e as suas diversas formas discursivas na região de colonização italiana fundada no centro do Estado do Rio Grande do Sul, a partir da década de 1870, é estudado por Maria Catarina Chitolina Zanini, na obra *Italianidade no Brasil Meridional* (2006). Através de uma abordagem antropológica, porém em diálogo com diferentes disciplinas do campo das ciências humanas e sociais, o referido estudo apresenta uma contribuição para a compreensão do processo de construção da identidade étnica de imigrantes italianos e descendentes. Foram utilizadas como fonte principal entrevistas orais realizadas pela autora com descendentes de imigrantes para apreender as memórias de família compartilhadas. Essas são entendidas como mescla entre o que as pessoas acreditavam e o que era divulgado na condição de "história oficial" – que se pode chamar de História Pública – sobre a colonização e as narrativas romantizadas e mitológicas da travessia transatlântica e a vida dos imigrantes nos espaços coloniais. Pensar como determinadas narrativas foram sendo construídas e qual a função delas na constituição e reforço das identidades étnicas é uma das contribuições importantes da referida pesquisa.

Centrando numa análise profunda em fontes de natureza primária e diversa, outros trabalhos na primeira década do século XXI irão começar a compreender de maneira complexa a realidade vivida pelos imigrantes e suas ações nos núcleos coloniais. Mais do que apontar existências de embates variados entre os estrangeiros e conflitos interétnicos, conforme mencionado nos estudos anteriormente referidos, novas perspectivas, essas mais verticalizadas, buscavam atentar para ações, interesses e compreensões dos diferentes sujeitos, apresentando uma síntese

mais rica das comunidades e imigrantes nas áreas de colonização.

Lançando críticas à visão do imigrante pacífico e avesso a embates de qualquer natureza, Terciane Luchese (2009) aborda as relações conflituosas entre os italianos por diferentes motivos, também como agiam as autoridades responsáveis por administrar os núcleos coloniais e cobrar os impostos. As tensões vividas entre os colonos e os diretores das três primeiras colônias fundadas na região nordeste do Rio Grande do Sul, por conta de interesses divergentes, discórdias que provocaram o envolvimento da força pública, marcaram os primeiros anos de ocupação. Por meio de diferentes fontes, como relatórios, correspondências, documentação administrativa e policial, a referida autora mostra como os imigrantes se relacionavam com as pessoas que ocupavam cargos de poder, lançando, desse modo, forte questionamento sobre os núcleos coloniais como lugares harmônicos, ordeiros e marcados por relações pacíficas entre a população.

As tensões e contradições que marcaram a vida nas primeiras décadas de fundação dos referidos espaços aparecem com toda a sua força e cor através de estudos que utilizaram diferentes fontes documentais e realizaram análises verticalizadas de situações e contextos específicos. Na mesma direção, e utilizando a perspectiva da "história vista de baixo", Maíra Vendrame (2007), no livro *Lá éramos servos, aqui somos senhores*, analisa as formas de ação espontânea da população em relação à estrutura administrativa e religiosa em espaços coloniais, buscando apreender as lógicas que regiam os comportamentos e a não passividade do(a)s estrangeiro(a)s em relação às autoridades públicas e mesmo aos padres. O mencionado estudo se apresenta como uma abordagem alternativa mediante uma visão que glorificava os atores sociais e suas escolhas, mostrando os interesses, as percepções e os comportamentos conflitantes. As diferentes compreensões e escolhas permitiram questionar as narrativas dos grupos hegemônicos sobre diversos aspectos da vida social, religiosa e po-

lítica local. Mais do que isso, conferiram atenção para a agência e as estratégias acionadas pelos imigrantes, buscando captar a racionalidade por trás das decisões. Logo, harmonia, união, ordem e ausência de conflitos entre as diferentes pessoas que viviam na região colonial foram questionadas.

Existia entre os chefes de famílias de cada povoado um forte desejo em garantir autonomia local. Isso se dava, especialmente, através da organização das atividades religiosas, da construção de igrejas e da obtenção de um sacerdote residente. Não simplificando o processo de territorialização dos imigrantes no espaço colonial, é evidenciado o fato de os povoados não estarem isolados e abandonados pelo poder público; antes, existia um forte desejo entre o(a)s estrangeiro(a)s de garantir independência e diferenciação em relação a outras comunidades e instituições externas de poder. Porém, isso não quer dizer tais lugares eram fechados, sem interação com outros grupos étnicos e, muito menos, livres de conflitos.

Por uma nova história social do(a)s imigrantes

A transferência oceânica era percebida como uma escolha que devia conceder às famílias imigrantes uma maior liberdade, vantagens e direitos nos núcleos de colonização, especialmente no que se refere à estruturação dos espaços de sociabilidade. Buscaram viver nas comunidades coloniais de acordo com as referências socioculturais que tinham do além-mar, mas tiveram que se adaptar às novas situações, fortalecendo os laços parentais e as afinidades no novo território. Em pesquisa já realizada, longe de apenas querer analisar as tensões, diferenças internas do grupo imigrante e dos lugares onde passaram a viver, o que se buscou foi reconstruir uma história mais complexa, marcada por narrativas plurais, conflitos, ajustes, apoios, reciprocidades, modos de conter as tensões e garantir a restauração da

harmonia entre as pessoas localmente (Vendrame, 2007, 2016).

Como mencionado, as comunidades surgidas nos espaços coloniais não podem ser vistas como homogêneas e igualitárias; antes, como divididas, hierarquizadas e marcadas por diferenças socioeconômicas. É preciso analisar de que modo, quais estratégias e práticas foram utilizadas pelas famílias estrangeiras para imigrar e construir patrimônio imaterial e material, qual o papel e o peso dos vínculos sociais, que escolhas foram bem-sucedidas e quais fracassadas. Todas essas questões são importantes para construir uma história mais plural e completa das migrações e da vida nos espaços coloniais. Enquanto alguns imigrantes de fato prosperaram, outros, contudo, fracassaram em seus projetos de fazer fortuna na América, não conseguindo se inserir nas sociedades de acolhida. Ressalta-se, portanto, a importância de se dar atenção para os percursos, as escolhas e as vozes do(a)s vencido(a)s, aqueles que por diversos motivos foram perseguidos, excluídos socialmente e criminalizados.

Para a construção de uma história que confira atenção às trajetórias individuais e familiares, às escolhas e relações existente entre o(a)s imigrantes em diferentes contextos, considera-se essencial a utilização de fontes como as judiciais, inventários *post mortem*¹⁷, testamentos, registros cartoriais de compra e venda de terras, paroquiais (como batismos, casamentos e óbitos), além de outros documentos como cartas, relatórios, diários pessoais, etc. Tomar os processos-crime como ponto de partida de estudos, sem deixar de realizar o cruzamento de informações com outros documentos de natureza variada, apenas recentemente tem sido utilizado para analisar as sociedades formadas por imigrantes italianos no sul do Brasil, bem como diferentes aspectos da vida dos homens e das mulheres que atravessaram o Atlântico em busca de novas oportunidades na América meridional.

¹⁷ A utilização dos inventários *post mortem* de homens e mulheres imigrantes que se fixaram nas regiões de colonização italiana e alemã aparece como fonte privilegiada para mapear a diversidade de condições das famílias estrangeiras, bem como as estratégias utilizadas para construir o patrimônio e a reprodução social em contextos migratórios. Porém, são poucos os estudos que tomam tais registros como fontes principais nas pesquisas. Ver Stormowski (2005).

A adoção da perspectiva da "história vista de baixo", somada à metodologia da micro-história, ajudou a "movimentar as águas", sugerindo novos problemas e compreensões sobre as dinâmicas de transferências transatlânticas e o(a)s imigrantes nos diferentes contextos migratórios nas últimas décadas do século XIX e início do XX. A abordagem microanalítica é um método que consiste em um modo de ler e questionar as fontes, bem como de construir categorias de análise que partem da leitura densa de um evento e realidade¹⁸. Nesse sentido, a utilização da referida perspectiva não está ligada a uma temática específica, ao tamanho dos objetos da investigação, uma vez que se trata de um procedimento metodológico, que procura realizar uma leitura aproximada e atenta os indícios e detalhes presentes na documentação como uma porta de entrada para elaboração de novos questionamentos. Mais do que isso, trata-se de um procedimento que busca atentar para complexidade da realidade social, dos vínculos interpessoais, das diferentes narrativas e vozes, como aquela das pessoas e dos grupos vencidos e invisibilizados, porém não se reduz a isso.

Mesmo não se restringindo a um lugar, a micro-história toma como ponto de partida e fio condutor da pesquisa um local, um evento ou uma trajetória de homens e mulheres. Parte de casos e situações para fazer emergir categorias de análise, não tomando, portanto, explicações *a priori*. As escolhas individuais em diferentes âmbitos da vida, seja no familiar, no econômico, político ou social, são analisadas em variadas séries documentais. Nesse caso, o nome das pessoas se torna um guia na pesquisa, permitindo, assim, acessar contextos e propor problemáticas que não se restringem ao percurso específico analisado. Essa é uma escolha que permite captar situações que não podem ser acessadas através de outras perspectivas, bem como elaborar novas

perguntas para a compreensão de diferentes processos de dimensões mais ampla na sua complexidade e multiplicidade de aspectos, como o das migrações, das estratégias de inserção e organização social dos imigrantes nos locais de chegada. Cada percurso, situação analisada aponta para os limites possíveis da atuação e a capacidade de articulação individual, sem deixar de considerar o papel do acaso e das estruturas sobre as escolhas individuais e de grupo.

Considera-se portanto que, para além de novos temas de pesquisa e questionamentos para melhor entendimento sobre dinâmicas migratórias em espaços rurais e urbanos do Rio Grande do Sul, o que se quer destacar é a importância da microanálise para a construção de uma história social da imigração. Essa deve colocar no centro da análise o(a)s imigrantes, seus percursos, suas escolhas, redes de relações e racionalidades. Ao fazer isso, ganha destaque a conexão entre os dois lados do Atlântico, tanto através de contatos, vínculos, comunicação na longa distância, quanto por meio de projetos compartilhados, valores e práticas. Compreender os locais de origem dos imigrantes é fundamental para uma compreensão mais plural e ampla do fenômeno das mobilidades transatlânticas do Oitocentos. É importante conferir centralidade aos homens e às mulheres imigrantes, mas também àqueles que não migraram. Mais do que um fenômeno de amplas proporções, interessa estudar as experiências sociais individuais e coletivas.

Desse modo, para se refletir sobre as migrações do Oitocentos e os contextos que a permitiram, destaca-se a ênfase na centralidade dos percursos concretos e percepções daqueles que migraram. Ao se analisar as trajetórias, é fundamental considerar a conexão e interdependência entre diferentes dimensões da vida – social, cultural, econômica e política –, no âmbito individual, familiar e comunitário. Apesar de se

¹⁸ Por meio de um olhar microscópico sobre eventos e situações específicas, a micro-história pensa em problematizações gerais que foram negligenciadas em determinados fenômenos ou processos históricos (Levi, 2016, 2020). Sobre as discussões mais recentes no Brasil e no exterior em relação à microanálise, bem como a utilização do método nos estudos migratórios, ver Vendrame e Karsburg (2020, 2023), Vendrame, Karsburg e Moreira (2016). A utilização de documentos de natureza variada e a metodologia da micro-história para estudar diferentes temas ligados aos imigrantes europeus em áreas urbanas e rurais do Rio Grande do Sul tem surgido em pesquisas recentes, no qual destacam-se: Becker Neto e Vendrame (2022), Gregory (2022), Trentini (2023).

saber da impossibilidade de apreensão da totalidade das realidades históricas por parte do(a) s pesquisadore(a)s, a busca por reconstruir uma história total, que apreenda todas as conexões e relações, aparece como algo almejado. Isso, porém, é impossível, uma vez que temos acesso apenas alguns fragmentos de cada vida e não registro de todas as escolhas em que esteve envolvido no decorrer de toda a sua existência.

Nas últimas duas décadas, a utilização da micro-história para estudar os movimentos migratórios tem propiciado que estudos de trajetória de imigrantes ganhem espaço. Destacou-se a análise dos percursos, das escolhas e estratégias de inserção social e econômica dos imigrantes nos espaços de chegada. O livro *O poder na Aldeia*, de Maira Vendrame (2016), é um exemplo de pesquisa que utiliza a referida perspectiva metodológica, tomando como fio condutor da investigação a trajetória de um padre italiano e o episódio que resultou em sua morte (no ano de 1900) numa das regiões de colonização europeia do Rio Grande do Sul. Acompanhando as escolhas individuais e coletivas desde a Itália até o local de instalação, foi possível refletir sobre uma série de questões ligadas às transferências das famílias italianas para a América meridional, as dinâmicas migratórias, a fundação de novas comunidades, a constituição de esferas agregativas, o papel dos vínculos sociais, de redes protetivas e de controle entre as famílias nos espaços coloniais. Essa conexão, entre o lugar de origem e o de chegada, surge como algo fundamental para compreender os processos de constituições dos territórios imigrantes, através de práticas sociais variadas, modos de viver, se organizar e pensar, que foram transplantados do além-mar.

No referido estudo, as cartas emitidas pelos italianos recém-chegados aos parentes e conhecidos que haviam ficado na Itália permitiram compreender a função das "pontes de papéis" que uniram os dois lados do Atlântico, indicando para o peso dos vínculos interpessoais nos des-

locamentos transatlânticos. As redes de apoio entre os conterrâneos também partiram junto com os imigrantes, não necessariamente na mesma viagem, mas aparecem como recursos fundamentais para o sucesso das escolhas nos locais de chegada. Os vínculos transplantados e as redes que aproximavam os conterrâneos aparecem como o recurso mais importante para os já imigrados e os que desejavam emigrar.

Nos lugares de origem, as informações não se difundiam de forma uniforme, conforme afirmavam muitas autoridades, políticos, jornalistas e a elite proprietária de terras que se opunha à emigração dos camponeses da Itália. Diferentemente do que pensavam, os que tomavam o caminho da emigração, num primeiro momento, não foram as pessoas mais miseráveis, sem qualquer condição financeira, iludidos ou enganados pelas "falsas notícias" disseminadas pelos agentes da emigração (Vendrame, 2016). As pessoas que desejavam emigrar não saíam das suas aldeias sem qualquer preparação e informações sobre o que poderiam encontrar no além-mar. Os deslocamentos no universo camponês seguiam uma racionalidade que é preciso compreender, não devendo ser entendidos como uma fuga desordenada de famílias "famintas" e "enganadas" por aqueles que buscavam obter lucros com as migrações. A transmissão de informações acontecia através das redes de contato e confiança, sendo esses elementos fundamentais da organização das transferências. Por meio da circulação de cartas, não apenas notícias eram repassadas, mas também favores e auxílios eram garantidos aos que decidiam tomar o caminho da imigração.

Estar inserido numa rede relacional, possuir vínculos fortes com parentes e conhecidos aparecem como vantagens das pessoas que desejavam partir ou das que já se encontravam nos locais de destino. Logo, os laços eram uma das grandes riquezas de quem imigrava, podendo ser acionados nos diferentes momentos da transferência, na instalação e na acomodação

nos contextos de chegada¹⁹. Nesses lugares, as redes de apoio interpessoais transplantadas do além-mar deviam ser reforçadas, podendo, contudo, em certas situações, ser quebradas. A ruptura ou o enfraquecimento dos vínculos entre integrantes de uma mesma família, parentela e vizinhança é algo que poderia ocorrer após os deslocamentos, especialmente devido à mudança de projetos por parte do(a)s imigrantes. Nos contextos migratórios brasileiros, afinidades, laços e identificações eram criados, reforçando as ligações parentais ou criando outras²⁰.

Conforme mencionado, defende-se a necessidade de analisar a agência de homens e mulheres que tomaram o caminho da imigração, tanto dos que partiram como dos que permaneceram, bem como as racionalidades implicadas nas diferentes escolhas. Para o desenvolvimento de uma história dos movimentos migratórios do Oitocentos a partir de uma perspectiva global, é fundamental que se acompanhe o percurso das pessoas e dos grupos antes mesmo de tomarem a decisão de emigrar. Faz-se necessário dar atenção para os mecanismos de ligação e circulação dentro de uma ampla escala espacial, sem deixar de considerar os sentidos das conexões e troca de informações na longa distância. Entende-se que a apresentação de novas contribuições para a compreensão mais geral das migrações de massa e os processos de produção das territorialidades nos espaços coloniais precisam, portanto, passar pela realização da análise de situações e percursos concretos. Logo, deve ganhar atenção o estudo das relações interpessoais, vínculos de interdependência e práticas sociais variadas que conferiam sentido e conformavam os territórios, como o da vizinhança e da comunidade.

Uma análise verticalizada possibilita acessar estruturas anteriores à chegada dos imigrantes ao Brasil, assim como a investigação horizontal permite reconstruir contextos e elaborar proble-

matizações sobre o funcionamento das relações de poder local. Não é, deste modo, a excepcionalidade dos casos ou das trajetórias isoladas que interessa, mas o quanto através delas é possível acessar normas e valores "ocultos", permitindo elaborar novos questionamentos para compreender processos históricos mais amplos, bem como outras comunidades migratórias/camponesas, distantes no espaço e no tempo. Situações e trajetórias excepcionais são estudadas não para tomá-las como representativas, mas, sim, para apreender normas sociais e propor problemas de relevância mais geral.

Apesar de o livro *O poder na aldeia* tratar de um lugar específico e do(a)s imigrantes que ali se estabeleceram, ele não deve ser entendido como um estudo de história local, já que não se restringe a isso. O lugar e os eventos específicos estudados funcionam como laboratório para elaborar perguntas em direção à compreensão de processos e dinâmicas, propor temas de investigação sobre os imigrantes – seus modos de proceder, pensar e relacionar – e o funcionamento das comunidades camponesas em diferentes lugares. A mencionada obra utilizou o método onomástico, que toma o nome de um imigrante como fio condutor da pesquisa em diferentes fundos documentais, permitindo o acesso a contextos até então desconhecidos e invisíveis, bem como jogando luz em projetos, expectativas e estratégias migratórias de italiano(a)s que aportaram no Brasil nas últimas décadas do Oitocentos²¹.

Uma variedade de motivações das migrações aparece através da análise dos percursos individuais e coletivos. Questões religiosas, sociais, políticas e familiares surgem como aspectos motivadores dos deslocamentos, possibilitando entender que a decisão de migrar ocorreu também como resposta às mudanças que o recém-constituído Estado Italiano estava pro-

¹⁹ Em relação ao papel das redes e cadeias migratórias na imigração italiana para a América, especialmente para a Argentina e os Estados Unidos, destacam-se as pesquisas de Fernando Devoto (1987), Franco Ramella (1995) e Paola Corti (1990). Sobre a discussão no Brasil, ver Osvaldo Truzzi (2008).

²⁰ Sobre a tema da produção social do território imigrante através de diferentes práticas sociais que garantiam a constituição de um espaço de direitos, ver Becker Neto e Vendrame (2022), Vendrame (2023a), Gregory e Vendrame (2024).

²¹ Sobre o método onomástico através de uma perspectiva de estudo micro analítica, ver Ginzburg e Poni (1989).

vocando nas comunidades rurais (Vendrame, 2017a). A imigração italiana para o Brasil deve ser entendida como um projeto familiar (nem sempre bem-sucedido), que envolvia tanto quem partia quanto aquelas pessoas que tinham permanecido na aldeia de origem, aguardando notícias sobre a possibilidade de migrarem.

Além da utilização das cartas para analisar a comunicação entre pessoas que se encontravam em ambos os lados do Atlântico, as fontes criminais também aparecem como material que possibilitam refletir sobre as rupturas dos vínculos, conflitos e controles familiares na longa distância. Quase não sendo utilizados nos estudos que tratam dos contextos migratórios, os processos-crime e as investigações policiais permitem pensar a relação entre imigração, crime e trabalho. A esses, somam-se temas como os contatos dos imigrantes com grupos étnicos e com os próprios conterrâneos, bem como o uso que irão fazer do recurso da justiça oficial e das instituições do Estado.

As fontes judiciais possibilitam perceber o funcionamento de redes de punição e proteção, assentadas sobre bases territoriais que se encontravam presentes em vínculos parentais, de vizinhança e reciprocidades existentes entre as famílias locais. Os processos-crime podem ser tomados como documentos preferencias para responder a questionamentos levantados sobre as práticas de justiça, os mecanismos de resolução dos impasses surgidos nas comunidades imigrantes e o uso dos recursos oficiais de controle social e punição. A violência aparece nas referidas fontes como um meio de punir, reparar ofensas, demarcar diferenças, reforçar hierarquias e defender prerrogativas que envolviam indivíduos de um mesmo grupo étnico ou de etnicidades diferentes. Por meio das pistas e dos indícios levantados através de uma leitura atenta e densa da documentação, é possível acessar contextos e racionalidades que explicavam determinadas ações e conflitos cotidianos entre familiares, conhecidos e vizinhos.

A leitura intensiva e atenta de um número significativo de processos criminais permitiu

identificar as práticas de justiça local e as formas de ajustes extrajudiciais, que se apoiam em frentes constituídas através das redes utilizadas pelos imigrantes italianos nas regiões coloniais do Brasil meridional. O recurso relacional pode não estar disponível da mesma forma para todas as pessoas, o que implica diretamente a eficiência das frentes de punição, de proteção e o uso prático das instituições para recompor os equilíbrios sociais rompidos, garantir direitos, privilégios e as estruturas de poder local. Logo, a atenção deve se centrar na recomposição do equilíbrio social quando do surgimento de conflitos entre pessoas e grupos familiares conhecidos. Existia a preocupação em conservar e restaurar a paz na vizinhança, ainda que fosse impossível evitar o surgimento de desentendimentos e tensões.

As comunidades coloniais, longe de se configurar como espaços fechados, coesos e de imigrantes homogêneos e pacíficos, indicam para espaços permeados por divisões, tensões e conflitos, na instituição de "tribunais privadas" e acordos extrajudiciais (Vendrame, 2016). Essa interpretação contradiz a ideia de harmonia local e de povo pacífico exaltado nas narrativas dos próprios descendentes de imigrantes e por um ramo da historiografia surgida a partir de 1975 – ano do Centenário da Imigração Italiana ao Brasil.

É importante ressaltar que, por meio dos embates entre italianos e negros nas regiões de colonização, foi possível perceber como as punições violentas dos primeiros em relação aos segundos reforçava diferenças e estabelecia hierarquias, consolidando a defesa de direitos étnicos e territoriais. Nesse tipo de embate, fica evidente a maneira segundo a qual os recursos da violência, do castigo e da justiça do Estado eram utilizados como meios para garantir certo domínio e prerrogativas sobre determinado território. Desse modo, as ações violentas podem ser entendidas como práticas sociais que marcavam os processos de produção de territórios racializados (Vendrame, 2023b). Os lugares destinados à colonização europeia no Rio Grande se constituíram como espaços marcados por uma forte cultura corporativa. E as práticas de justiça

privada ou através da mediação do Estado se tornaram imprescindíveis para garantir coesão entre as famílias imigrantes, manter o controle, estabelecer privilégios e direitos, produzindo, desse modo, territorialidades assentadas em uma ideia de superioridade racial, étnica, moral, social e cultural²².

Considerações finais

Apesar do esforço realizado no presente artigo em trazer o maior número possível de estudos, o que se apresentou é fruto de uma seleção que não abrange a totalidade dos trabalhos produzidos sobre os imigrantes e os contextos migratórios do Brasil meridional²³. No entanto, as obras mencionadas possibilitam compreender a maneira como, a partir de 1975, quando do início das comemorações do Centenário da Imigração Italiana no Estado, a sociedade colonial passou a ser analisada, que registros documentais e abordagens foram utilizados. Inicialmente, ganharam destaque estudos que exaltavam os aspectos muito presentes nas memórias individuais e coletivas de descendentes de imigrantes italianos, como a força, a coragem e a fé das famílias colonizadoras, somados ao comportamento ordeiro e ao amor pelo trabalho. Uma imagem idealizada do passado, que associava determinados valores ao grupo étnico, ganhou destaque através de pesquisas que não deram atenção para uma abordagem crítica das fontes. Assim, no contexto das comemorações dos Cem Anos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, nas décadas de 70 e 80 do século XX, o que predominou nas análises foi a forte religiosidade, a força e a índole de passividade dos imigrantes italianos e descendentes. Essa imagem se manteve próxima aos discursos presentes nos registros escritos e orais. É preciso destacar que os estudos que se

tornaram referência sobre o tema da imigração e os espaços coloniais no Rio Grande do Sul estavam sob autoria de pesquisadores que não eram historiadores, apesar da formação acadêmica na área das humanidades. Talvez a isso se possa atribuir a não preocupação como uma abordagem crítica em relação às fontes utilizadas.

No final da década de 1980, especialmente a partir de 1990, com a expansão dos cursos de Pós-Graduação em História, surgiram pesquisas analisando diferentes temas, conferindo atenção para os imigrantes nos espaços urbanos e não apenas àqueles nos núcleos rurais. Houve uma ampliação das tipologias de fontes e perspectivas metodológicas nos estudos sobre o(a)s italianos nos contextos migratórios, momento em que afloraram análises no campo da história social. A realização de reflexões quantitativas e qualitativas, com crítica a determinadas narrativas laudatórias e "miserabilistas", termo utilizado por Núncia Santoro Constantino (1991), e a utilização de fontes de natureza variada marcaram uma mudança na maneira de abordar os estrangeiros, especialmente aqueles que se estabeleceram no meio urbano. Destaca-se ainda a atenção conferida para os locais de origem dos imigrantes, os arquivos italianos, e a necessidade de desenvolver estudos que se utilizavam de uma perspectiva conectada e atenta às escolhas de homens e mulheres que haviam partido de determinados lugares da Itália²⁴.

A ênfase para os locais de origem, para a realização de uma história que ligasse os contextos de partida com os de chegada, que observasse o papel dos vínculos e redes nos deslocamentos e na inserção social nos novos espaços, através da utilização de fontes de natureza variada, passou a ganhar cada vez mais espaço nas últimas duas décadas. O(a)s imigrantes passaram a ser entendido(a)s como um grupo heterogêneo, com

²² Para saber mais sobre essa discussão, ver Becker Neto e Vendrame (2022).

²³ Um balanço bastante completo sobre a historiografia da imigração italiana, que evidencia as transformações da pesquisa histórica no século XX e a trajetória dos estudos ligados aos imigrantes, especialmente no sul do Brasil, foi realizada recentemente por Emilio Franzina (2022). O autor destaca o quanto os cruzamentos interdisciplinares em pesquisas que conferiam atenção para o âmbito econômico, político, cultural e religioso propiciaram o surgimento de uma diversidade de estudos acadêmicos. A utilização de fontes de natureza variada também é apontada como um dos motivos do grande desenvolvimento de estudos.

²⁴ Em suas pesquisas, Antonio de Ruggiero (2015) tem atentado para a presença de imigrantes italianos nas cidades do Rio Grande do Sul antes mesmo do período da "Grande Emigração". O envolvimento em atividades comerciais e agregação étnica nos centros urbanos e a origem de regiões específicas da Itália aparecem como algumas das características dos estrangeiros estudados pelo referido autor.

ideologias e projetos diversos; e as comunidades coloniais, como lugares marcados por tensões, disputas e diferenças internas, apesar da existência de uma retórica de harmonia e de coesão muito presentes em determinadas narrativas. Ademais, registra-se a utilização de fontes até então não usadas, como as judiciais, e a adoção de uma perspectiva metodológica que permitia olhar "o grupo" por dentro, nas suas diferenças e tensões, verticalizando as análises e centrando em situações, lugares, percursos individuais e familiares. Passou a ganhar atenção análises que apontavam para a complexidade dos contextos migratórios de partida e chegada, a agência dos homens e das mulheres que tomaram o caminho da imigração (Vendrame, 2016, 2021a) Através disso, problemáticas que até então eram desconhecidas passaram a ser estudadas, como a do peso das relações sociais na circulação das informações, pessoas e objetos na longa distância, bem como o papel dos vínculos na organização e no processo de territorialização das famílias italianas nos espaços coloniais.

O laboratório da micro-história fez emergir novos questionamentos, contextos e protagonismos no que tange às escolhas, às dinâmicas das transferências, à constituição das novas comunidades, das hierarquias sociais e fronteiras étnicas, como também em relação às ações e práticas sociais que conferiram direitos. Além disso, a pesquisa em fontes judiciais permite perceber o uso que as pessoas faziam dos mecanismos oficiais da justiça na conformação e produção social dos lugares e territórios imigrantes.²⁵

Unir as duas pontas de um mesmo processo, que considere o contexto de origem e de chegada, é um procedimento indispensável nas pesquisas sobre imigração. É preciso entender o que estava acontecendo antes da partida, quais as condições e motivações das pessoas que decidiram emigrar, como se articularam, que expectativas, desejos e projetos possuíam antes da viagem. Além, é claro, de perceber como os planos e sentimentos foram mudando no

decorrer dos percursos, bem como as escolhas bem-sucedidas e fracassadas.

Tomar a trajetória de homens e mulheres nos movimentos migratórios surge como um recurso metodológico que permite refletir sobre estratégias e contextos diversos não perceptíveis através de outras perspectivas. O individual e o subjetivo são entendidos como vias de acesso para elaboração de questionamentos de relevância geral, elaboradas a partir de modos de agir, pensar e se relacionar específicos. Nesse sentido, os novos problemas de pesquisas elaborados através de uma perspectiva microanalítica devem auxiliar a repensar movimentos e processos mais amplos, bem como a iluminar problemáticas que não devem ser vistas como restritas a uma história local ou regional. As histórias de fracassos de homens e mulheres imigrantes, de projetos que não deram certos, precisam ser estudadas, pois, além de contribuírem para a construção de narrativas mais plurais, elas se tornam via de acesso para entender, por exemplo, os limites dos vínculos e laços sociais, ou melhor, a fragilidade e a ineficiência deles em determinadas situações. É importante apreender os sentidos que os próprios sujeitos conferiam aos eventos vividos, de que maneira entendiam as próprias escolhas e como buscavam fazer um uso prático dos recursos oficiais, como aquele da justiça do Estado.

A perspectiva microanalítica, centrada no estudo de trajetórias de pessoas e grupos, tem permitido o desenvolvimento de uma nova história social das migrações e dos(as) estrangeiros(as) nos contextos migratórios. Mais do que apresentar novos temas, trata-se de valorizar métodos que empregam as fontes de maneira crítica. Tais fontes são fruto de ações, intenções e práticas sociais que revelam desejos, sentidos e a agência das pessoas, bem como a complexidade da realidade e a heterogeneidade dos comportamentos. Elas evidenciam contradições, diversidades, conexões e vínculos da vida cotidiana, perceptíveis apenas por meio de uma análise densa e interna dos grupos. O cruzamento de diferentes fontes e suas

²⁵ Conferir: Vendrame (2019, 2021b, 2023c, 2023a).

análises críticas permite ir além das representações aparentes evidenciadas em determinados registros documentais. Assim, as experiências migratórias, os percursos, as dinâmicas e os casos ocorridos em diferentes lugares devem ser confrontados em suas especificidades, de modo a possibilitar o acesso às diversas migrações transatlânticas e aos imigrantes europeus, italianos ou não, que se fixaram em países do sul da América nos séculos XIX e XX.

Referências Bibliográficas

ÁLBUM Comemorativo do 75º Aniversário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1950.

AZEVEDO, Thales de. *Italianos e Gaúchos*. Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: A Nação: Instituto Estadual do Livro-DAC: SEC, 1975.

AZEVEDO, Thales de. *Italianos e Gaúchos*. Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra; Brasília: Ministério das Educação e Cultura Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

BATTISTEL, Arlindo; COSTA, Rovilio. *Assim vivem os italianos*. Vida, história, cantos, comidas e estórias. v. 1. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

BECKER NETO, Octávio; VENDRAME, Maira I. Produção social do espaço imigrante (Brasil Meridional, século XIX): Reflexões a partir da metodologia da micro-história. *Vozes, Pretérito & Devir*, Teresina, ano IX, v. XIV, n. 1, p. 1-20, 2022. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/index.php/revistavozes/article/view/438/384>. Acesso em: 6 nov. 2023.

BIAVASCHI, Márcio Alex Cordeiro. *Relações de Poder Coronelistas na Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul durante o Período Borgista (1903-1928)*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BORGES, Stella; COSTA, Rovilio. Do sonho à realidade: criminosos e doentes mentais alienados em Porto Alegre. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. v. 3. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. p. 308-405.

BORTOLANZA, Karina. *A trajetória de uma imigrante: Anna Maria Pauletti Rech (1876-1916) e a atuação feminina nas colônias italianas do Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2023.

CENTENÁRIO da Imigração Italiana 1875-1975 – Rio Grande do Sul – Brasil. Porto Alegre: Edel, 1975.

CERUTTI, Simone; GRANGAUD, Isabelle. Fontes e contextualizações: comparando instituições do norte africano e oeste europeu do século XVIII. In: VENDRAME, Maira; KARSBURG, Alexandre. *Territórios da história: o micro, o local e o global*. São Paulo: Alameda, 2023. p. 79-118.

CINQUANTENARIO della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000. v. I, II. Originalmente publicado em 1925.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. A escrita da História da Imigração Italiana: arquivos e fontes. In: GONZÁLEZ, Elda Evangelina M. et al. (org.). *História da imigração: possibilidades e escrita*. São Leopoldo: Oikos: Unisinos, 2013. p. 106-123.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. A inscrição dos imigrantes italianos na historiografia do Rio Grande do Sul. In: ZANINI, Maria Catarina C.; TEDESCO, João Carlos. *Migrantes ao sul do Brasil*. Santa Maria: UFSM, 2010. p. 137-152.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O italiano da esquina: imigrantes na sociedade porto-alegrense*. Porto Alegre: EST, 1991.

CORTEZE, Dilse. *"Ulisses Va in América": história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Passo Fundo: UPF, 2002.

CORTI, Paola. Identità e comunità d'origine nelle vecchie e nelle nuove generazioni di emigranti: due paesi, due storie familiari. In: ROSOLI, Gianfausto et al. *Identità e integrazione*. Famiglie e paesi, percorsi e immagini di sé nell'emigrazione Biellese. Milano: Electa, 1990.

COSTA, Rovilio. *Antropologia Visual da Imigração Italiana*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.

COSTA, Rovilio. *Imigração Italiana: vida, costumes e tradições*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1974.

CHARÃO, Egiselda B. *Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre/RS (1945-1965)*: história de uma imigração esquecida. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

DE BONI, Luis Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1987, 1990 e 1996. 3. v.

DE BONI, Luis Alberto (org.). *La Mérica: escritos dos primeiros imigrantes italianos*. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: EST, 1977.

DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovilio. *Os italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1982.

DEVOTO, Fernando. Las cadenas migratórias italianas: algunas reflexiones a la luz del caso argentino. *Studi Emigrazione*, (s. l.), v. XXIV, n. 87, p. 355-373, 1987.

FRANZINA, Emílio. Um balanço da historiografia da imigração. In: RADÚNZ, Roberto; HERÉDIA, Vânia Merlotti (org.). *Imigração e emigração: balanço historiográfico no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Edusc, 2022. p. 21-48. E-book.

GALEANO, Diego. *Criminosos viajantes*. Circulações transnacionais entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, 1890-1930. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2016.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo (org.). *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: ParLenda, 1994.

GIRON, Loraine Slomp. *Dominação e subordinação: mulheres e trabalho na pequena propriedade*. Porto Alegre: EST, 2008.

GIRON, Loraine Slomp. Produção e reprodução: a mulher e o trabalho na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. v. 3. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. p. 287-302.

GREGORY, Júlia Leite. *As fazendas e colônias da Serra de Taquari: apropriação de terras, economia e direitos de propriedade (Rio Grande de São Pedro, século XIX)*. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, 2022.

GREGORY, Júlia Leite; VENDRAME, Maira Ines. Os processos judiciais de medição e sua utilização na história a produção do território e a apropriação de recursos na Serra de Taquari, Brasil Meridional, séculos XVIII e XIX. *Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura*, Colombia, v. 51, n. 1, 2024.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. Historiografia da imigração italiana no Brasil. In: RADÚNZ, Roberto; HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti (org.). *História e Imigração*. Rio Grande do Sul: Educs, 2011. p. 241-268.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. *Mito do padre entre descendentes italianos*. Porto Alegre: EST; Caxias do Sul: UCS, 1979.

HERÉDIA, Vânia Beatriz Merlotti. *Processo de industrialização da Zona Colonial Italiana*. Caxias do Sul: Educs, 1997.

INSTITUTO SUPERIOR BRASILEIRO-ITALIANO DE ESTUDOS E PESQUISAS (ISBIEP). *Imigração italiana: estudos*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979.

IOTTI, Luiza H. *Imigração e Poder: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

IOTTI, Luiza H. *O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, vista através dos relatórios consulares*. Caxias do Sul: Educs, 1996.

LANDO, Aldair M. et al. (org.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

LEVI, Giovanni. 30 anos depois: repensando a Micro-História. In: VENDRAME, Maira Ines; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (org.). *Ensaio de Micro-História, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 18-31.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história global. In: VENDRAME, Maira; KARSBURG, Alexandre (org.). *Micro-história, um método em transformação*. São Paulo: Letra e Voz, 2020.

LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.

LUCHESE, Terciane A. *Relações de poder: autoridades regionais e imigrantes italianos nas colônias Conde D'Eu, Dona Isabel e Alfredo Chaves – 1817 a 1889*. Curitiba: CRV, 2009.

MANFIO, Juliana. A construção de uma memória: as comemorações do centenário da imigração italiana na região da ex-colônia Silveira Martins (1975-1993). Tese (Doutorado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2019.

MANFIO, Juliana; VENDRAME, Maira. A construção de uma história pública da imigração italiana no sul do Brasil. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 31, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/129056>. Acesso em: 31 maio 2024.

MANFROI, Olivio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul, 1975.

MANFROI, Olivio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. 2. ed. Porto Alegre: EST, 2001.

MARINA, Marinilse. [Marito e buoi dei paesi tuoi: estranhezas familiares de friulanos na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul \(1880-1964\)](#). Itapiranga: Schreiber, 2022.

MENEZES, Lená Medeiros de. Desordeiros e contestadores: italianos na cidade do Rio de Janeiro (1907-1930). In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. v. 3. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. p. 424-433.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. Alemães e italianos no Rio Grande do Sul: fricções interétnicas e ideológicas no século XIX. In: DE BONI, Luis (org.). *A presença italiana no Brasil*. v. II. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p. 577-594.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. Fazer a América: o imigrante italiano entre o sonho e a realidade. In: DE BONI, Luis Alberto (org.). *A presença italiana no Brasil*. v. 3. Porto Alegre: EST; Torino: Fondazione Giovanni Agnelli, 1996. p. 303-335.

POSSAMAI, Paulo. *"Dall'Italia siamo partiti": a questão da identidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1945)*. Passo Fundo: UPF, 2004.

RAMELLA, Franco. Por um uso flerte del concepto de red em los estudios migratorios. In: BJERG, María; OTERO, Hernán (comp.). *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil: CEMLA-IEHS, 1995. p. 9-22.

- RUGGIERO, Antonio de. Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul: perspectivas de pesquisa. In: VENDRAME, Maira I. et al. *Micro-história, trajetória e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 162-181.
- SCHETTINI, Cristiana. Exploração, gênero e circuitos sul-americanos nos processos de expulsão de estrangeiros (1907-1920). *Tempo*, [s. l.], v. 18, n. 33, p. 51-73, 2012.
- SCHMITT, Gabriela. *Desestabilizando Frida: mulheres e família no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul (1880-1910)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.
- SCOTTI, Zelinda Rosa. *Que loucura é essa?: loucas e loucos italianos no Hospício São Pedro em Porto Alegre/RS (1900-1925)*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- STORMOWSKI, Marcia Sanocki. *Crescimento econômico e desigualdade social: o caso da ex-colônia Caxias - 1875-1910*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- TRENTINI, Fernanda Ambiedo. *Imigrante, filantropo e confeiteiro: A vida de Nicolau Rocco (1856 - 1932)*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.
- TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.
- VANINI, Ismael. *O sexo, o vinho e o diabo: demografia e sexualidade na colonização italiana no Rio Grande do Sul - 1906-1970*. Passo Fundo: UPF, 2003.
- VENDRAME, Maira Ines. "Lá éramos servos, aqui somos senhores": a organização dos imigrantes italianos na ex-colônia Silveira Martins. Santa Maria: UFSM, 2007.
- VENDRAME, Maira Ines. Mobilidade, redes e experiências migratórias: reflexões sobre as estratégias de transferência dos imigrantes italianos para o Brasil meridional. In: VENDRAME, Maira I. et al. (org.). *Ensaio de micro-história, trajetória e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 200-223. *E-Book*.
- VENDRAME, Maira Ines. *O poder na Aldeia: redes sociais, honra familiar e práticas de justiça entre os camponeses italianos (Brasil-Itália)*. São Leopoldo: Oikos, 2016.
- VENDRAME, Maira Ines. "Com tinta do meu sangue": redes e mobilidades através das cartas de um imigrante italiano. In: BENEDUZZI, Fernando; DADALTO, Maria Cristina. *Mobilidade humana e circularidade de ideia: diálogos entre América Latina e Europa*. Venezuela: Edizioni CaFoscari, 2017b. p. 67-78. *E-Book*.
- VENDRAME, Maira Ines. Em busca da "República de Deus": revoltas camponesas e agentes da emigração no norte italiano (século XIX). *Revista Tempo*, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 23-42, 2017a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/HXzcgDqRqb5x9ykMXfGhS6R/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2024.
- VENDRAME, Maira Ines. O 'paraíso terrestre': Alimentação Como Propaganda E construção Da Identidade Italiana No Sul Do Brasil. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, Porto Alegre, n. 20, p. 264-86, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10794>. Acesso em: 1 jun. 2024.
- VENDRAME, Maira Ines. Loucas e criminosas. Crimes femininos e controle social em comunidades de colonização europeia no Rio Grande do Sul. *História*, São Paulo, n. 38, p. 1-33, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/WbspRVgmwwnzRB7gj5Sd77y/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2024.
- VENDRAME, Maira Ines. Pensando o problema das conexões, do equilíbrio e da complexidade a partir da perspectiva da micro-história. In: CARNEIRO, Deivy Ferreira; VENDRAME, Maira Ines. *Espaços, escalas e práticas sociais na micro-história italiana*. Rio de Janeiro: FGV, 2021a.
- VENDRAME, Maira Ines. Parteiros imigrantes: atuação, conflitos e redes de apoio no campo profissional (Porto Alegre, final do século XIX). *Anuario de Historia Virtual*, [s. l.], v. 12, n. 19, p. 70-97, 2021b. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/anuariohistoria/article/view/33769>. Acesso em: 29 out. 2025.
- VENDRAME, Maira Ines. "Mulheres aventureiras: relações entre migração, medicina e crime no sul do Brasil (séculos XIX e XX). *Diálogo Andino*, [s. l.], n. 72, p. 64-80, 2023c. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-26812023000300064. Acesso em: 29 out. 2025.
- VENDRAME, Maira Ines. Território imigrante: práticas de justiça, direitos e poder no Brasil meridional (séculos XIX e XX). *Anuario IEHS*, [s. l.], v. 38, n. 2, p. 59-79, 2023a. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9691008>. Acesso em: 29 out. 2025.
- VENDRAME, Maira Ines. Imigração e gênero: reflexões sobre temas, fontes e métodos nos estudos migratórios femininos. *Clío - Revista de Pesquisa Histórica*, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 30-57, 2023b. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/253348>. Acesso em: 29 out. 2025.
- VENDRAME, Maira; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt (org.). *Ensaio de Micro-História, trajetórias e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2016.
- VENDRAME, Maira; PEREIRA, Syrlea (org.). *Mulheres em movimento: experiências, conexões e trajetórias transnacionais*. São Leopoldo: Oikos, 2017.
- VENDRAME, Maira Ines; KARSBURG, Alexandre (org.). *Micro-história, um método em transformação*. São Paulo: Letra e Voz, 2020.
- VENDRAME, Maira; KARSBURG, Alexandre (org.). *Territórios da História: o micro, o local e o global*. São Paulo: Alameda, 2023.
- WADI, Yonissa. *A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura*. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- ZAGONEL, Carlos Albino. *Igreja e imigração italiana: capuchinhos de Sabóia, um contributo para a igreja no rio Grande do Sul (1895 -1915)*. Porto Alegre: PUCRS, 1975.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil Meridional*. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: UFSM, 2006.

Minibiografia

Doutora e Mestre em História pela PUCRS. Bolsista Produtividade do CNPq. Autora de artigos e livros como *O Poder na Aldeia* (2016) e *Lá Éramos Servos, Aqui Somos Senhores* (2007). Organizadora de obras como *Territórios da História* (2023), *Micro-história, um método em transformação* (2020) e do clássico livro de Giovanni Levi *Centro e Periferia de um Estado Absolutista* (2024).

Endereço para correspondência

Rua Santo Antônio, 716, 503. Bairro Bom Fim, Porto Alegre/RS. Cep: 90.035-112.

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.